

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: ESPAÇO DE MEDIAÇÃO DE CONHECIMENTOS SOBRE ÁFRICA

Beatriz Perote Fernandes¹; Najla Almeida Marques Pereira²

¹Bacharela em Ciências Sociais e Mestra em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduanda em Pedagogia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU). Pesquisadora do Programa Cientista Chefe da Cultura (CCCult) e Observatório das Nacionalidades (ON). Bolsista de Inovação Tecnológica da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). biaperote@gmail.com

² Pedagoga e Mestra em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), especialista em Diversidade Étnico-Racial e Educação Inclusiva (UniMinas) e Gestão Pedagógica (UECE). Professora efetiva da Rede Municipal de Educação da Prefeitura de Fortaleza, supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Pedagogia UECE. najlaalmeida.1@gmail.com

Introdução

Esta produção é resultante da experiência no Estágio Supervisionado II - Ensino Fundamental, desenvolvido em uma turma de 3º ano de uma escola municipal de Fortaleza-CE. A disciplina de estágio tem um total de 100 horas/aula, sendo 40 horas destinadas ao estudo e produção de relatórios, enquanto 60 horas são destinadas à experiência na escola, tanto para observação como para prática docente.

O interesse em realizar juntas a experiência de estágio não surgiu por acaso. Ambas autoras realizaram juntas o mestrado acadêmico em Educação entre os anos de 2020 e 2022 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará e nessa ocasião já apresentavam interesses temáticos semelhantes sobre o desenvolvimento das Histórias e Culturas africana, afro-brasileira e indígena em seus respectivos cursos de graduação de origem, Ciências Sociais e Pedagogia.

O estágio supervisionado é etapa importante na formação do(a) pedagogo(a) e licenciando(a), apresentando-se como espaço para desenvolver sua identidade profissional a partir da reflexão entre teoria e prática, pois é no “[...] desenvolvimento da profissão que os professores estabelecem ações específicas para atuar nos espaços escolares” (Corrêa, 2021, p.4). Portanto, o estágio apresenta-se como necessário à preparação para o exercício da profissão docente.

Entretanto, é importante salientar que o Estágio Supervisionado não se trata de uma atividade prática e de repetições de técnicas, mas faz parte do processo formativo do estudante de licenciatura e contribui para a superação da dicotomia entre teoria e prática. Para tanto, é necessário entender o “[...] estágio como uma atitude investigativa, que envolve a reflexão e a intervenção na vida da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade” (Pimenta e Lima, 2006, p.7).

No que diz respeito às contribuições de negros e indígenas, com suas lutas, culturas e conhecimentos, à sociedade brasileira, é importante ter ciência que ainda hoje é necessário tensionar novas possibilidades de mediação de tais conhecimentos dentro do ambiente escolar, mesmo após mais de duas décadas de implementação da lei n. 10.639/2003, alterada pela lei n. 11.645/2008, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura africana, afro-

brasileira e indígena em todo o currículo escolar.

Tais leis impactam não somente a educação básica, mas consequentemente os cursos de formação de professores. Nesse sentido, Silva (2005) afirma que os professores do ensino fundamental necessitam de uma formação específica que lhes dê condições de identificar formas de perpetuação do racismo, como estereótipos, nos materiais pedagógicos e livros didáticos, assim como viabilizar práticas cotidianas de valorização da diversidade racial, através de experiências e processos culturais.

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar o desenvolvimento de um projeto pedagógico sobre conhecimentos africanos e afrodescendentes na educação básica como atividade da prática docente em um Estágio Supervisionado, buscando contribuir para a formação da identidade docente quanto à valorização da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa empírica, na qual as autoras/pesquisadoras colaboraram diretamente, propondo e desenvolvendo atividades pedagógicas e, portanto, a investigação interpreta “[...] uma experiência vivenciada entre pesquisador e comunidade investigada” (Monteiro, 2012, p.141). Entendendo que esta pesquisa se realiza também como processo formativo para todos os envolvidos, que ela se organiza “[...] pelas situações relevantes que emergem do processo” (Franco, 2005 apud Monteiro, 2012, p.142) apresenta-se como uma pesquisa-ação, que possibilita a reflexão conduzida pela materialização da experiência em texto.

Portanto, esta pesquisa trata-se da documentação de um processo formativo para atuação docente, ocorrido em um contexto de estágio supervisionado, no segundo semestre de 2025. Para tanto, foi proposto pela professora supervisora o planejamento e execução de um projeto pedagógico como experiência de regência no estágio. Neste texto apresentamos, então, tal processo formativo através de um relato de experiência que, de acordo com Mussi, Flores e Almeida (2021), refere-se a uma produção acadêmica com embasamento científico e reflexão crítica que “[...] trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão)” (p.65), descrevendo a intervenção.

O planejamento do projeto pedagógico aconteceu através de encontros presenciais e virtuais entre professora supervisora e estagiária, enquanto a execução do projeto foi realizada com uma turma de 3º ano de ensino fundamental de uma escola, localizada na periferia de Fortaleza, da Rede de Ensino Municipal da cidade. Compreendendo que as crianças desta idade escolar estão em processo de alfabetização, optou-se também por construir um projeto interdisciplinar com uso de imagens, mapas, músicas, contação de história e atividades práticas.

Resultados e Discussões

Tendo em vista o interesse temático em comum e a pertinência em abordar os conhecimentos africanos e afrobrasileiros, a professora supervisora sugeriu que trabalhássemos as inovações realizadas por afrodescendentes a partir da obra de Bárbara Carine Soares Pinheiro intitulada “História preta das coisas: 50 Invenções científico-tecnológicas de pessoas negras”.

Quanto à organização, foi proposta a elaboração de um documento comum onde foram registrados os planejamentos de todos os encontros do projeto com a seguinte estrutura: (i) Exposição dialogada; (ii) Atividade prática para assimilação; (iii) Atividade de pesquisa para casa (se necessário). O planejamento do encontro seguinte acontecia após avaliação da

incorporação dos conteúdos pelos(as) estudantes e considerando se o tempo foi o suficiente para realização da atividade planejada. Assim, foram realizados 5 encontros.

Para chegar às contribuições científicas de pessoas negras, começamos pela África. No primeiro encontro, a sala foi organizada em formato de círculo, foram colocados tecidos no chão e a professora supervisora iniciou o momento com a “Dança de Família”, a partir de um vídeo feito na 5ª Semana da África de 2011 em Salvador-BA. Tal momento também tinha como propósito, chamar as crianças para movimentar o corpo, sentir a música, fazer seus próprios passos.

A professora foi conduzindo as crianças a formar um círculo e a sentar em roda para ouvir a contação de história com o livro *História pretinha das coisas: as descobertas de Ori* (Pinheiro, 2022). Ao final, a professora supervisora fez algumas perguntas sobre a história para fixação e a estagiária apresentou o mapa do continente africano como um quebra-cabeça. Divididos em 8 grupos cada um ficou com uma peça e foram montando o mapa completo coletivamente. Também foi distribuída uma atividade de pesquisa, em formato de mapa, para que os(as) estudantes buscassem os nomes dos países africanos que falam a Língua Portuguesa e os alimentos comuns entre Brasil e África.

A partir do segundo encontro foi integrado ao cronograma da atividade o momento de retomar os aprendizados do encontro anterior, seja para evidenciar a continuidade seja para reforçar os conteúdos. Com esse momento, as crianças foram motivadas a apresentar os seus achados da atividade de pesquisa em casa. Foram mencionados todos os países do PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) e não apenas alimentos em comum, mas também pratos culinários que as crianças compreendem ser herança africana como a feijoada.

Com o mapa da África já completo e colado na parede, a estagiária convida os estudantes a tentar adivinhar onde estão localizados cada país dos PALOPs. Muitos deles conseguiam ler os nomes dos países de maior dimensão territorial como Angola e Moçambique, mas também foi a oportunidade de conversar sobre a composição territorial daqueles que são formados por ilhas como Guiné Bissau que possui Bijagós e, em especial, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe que se tratam de países insulares.

Além desse conhecimento, foi importante notar a intimidade que os(as) estudantes tomaram com os nomes dos países, tornando-os vocabulários familiares. Uma aluna, por exemplo, disse que achou lindos os nomes Guiné-Bissau e Moçambique “Quando eu tiver filhos, vou colocar esses nomes”, completou a aluna, possibilitando, assim, imaginários positivos sobre África.

Nesse encontro, as crianças receberam vários desenhos de ondas, onde deveriam pintar e escrever no verso as descobertas feitas sobre os nomes dos países africanos e a alimentação em comum. Logo após esse momento, a estagiária explica às crianças que esses conhecimentos, descobertos no encontro, une o Brasil ao continente africano assim como as ondas do mar e, por isso, eles estão representados nesses desenhos de ondas. Importa também salientar que, ao final do encontro, a professora supervisora sugeriu como aprendizado que os nomes fossem escritos na frente do desenho para que ficasse explícito o que haviam escrito.

Nesse encontro foi introduzido o mapa do Brasil tanto para demonstrar a relação entre as culturas, mas também como orientação da professora supervisora, ao apontar que as crianças nessa idade escolar ainda não conseguem ter dimensão de país, mas sim do contexto local como o bairro e a cidade. Portanto, ao apresentar um novo mapa, partimos do bairro onde a escola está localizada, a cidade, o estado e, conseqüentemente, o país representado pelo mapa.

No terceiro encontro retomamos novamente a história de Ori, que foi com sua família à África

e fez várias descobertas no Egito e, a partir dessa primeira história incentivamos as crianças a lembrar o que a personagem havia conhecido. Esse encontro foi marcado por apresentar o movimento que os povos africanos fizeram em direção, nesse caso, ao território americano conhecido por diáspora africana.

Havia a preocupação de não reforçar o estereótipo da escravidão na experiência negra, portanto retomamos o conteúdo de História, trabalhado anteriormente pela professora supervisora, sobre a colonização europeia e fazíamos perguntas para que as crianças compreendessem, a partir de sua própria experiência de mundo, as condições que os africanos foram submetidos na América, como “Está certo fazer alguém trabalhar de graça? As pessoas precisam receber uma recompensa pelo seu trabalho?”.

Temos ciência que não foi simplesmente isso que aconteceu no período de colonização, especialmente no Brasil onde a máquina escravocrata se perpetuou após a Independência; mas se trata de uma estratégia pedagógica para não perpetuar a falsa ideia dos negros como sujeitos da escravidão, pois se trata de uma ferramenta de dominação realizada pela modernidade europeia.

Nesse encontro apresentamos os países das Américas que mais receberam africanos, como Brasil, Colômbia, Cuba, Haiti, Venezuela, México e Estados Unidos, e os localizavam no mapa, em especial aqueles que se tratam de países insulares. Ao final desse momento distribuímos uma atividade de pesquisa para casa sobre os(as) inventores(as) dos objetos apresentados por Pinheiro (2021), que seriam o ponto de partida do encontro seguinte. Fizemos também uma atividade prática, na qual os(as) estudantes passariam uma bola entre si orientados(as) pelo mote “Estava em África e fui para: (um dos países da América abordados no encontro). Entretanto, observou-se que, além dos países americanos, as crianças também passaram a citar os países africanos de língua portuguesa, apresentados nos encontros anteriores.

Nos quarto e quinto encontros começamos a abordar as invenções realizadas por africanos e afrodescendentes, como boliche, cerâmica, escova de dentes, GPS, lâmpada, máscara, pão, papiro, pirâmide, sandálias e semáforo. Iniciamos o quarto encontro do projeto, retomando a atividade de pesquisa que pedia aos(as) estudantes para buscar quem foram os inventores de cada objeto.

Como esperado e apontado pela professora supervisora, a invenção da lâmpada foi associada, pelas crianças, a Thomas Edison, que na verdade patenteou uma descoberta do pesquisador afroamericano Lewis Howard Latimer. Quando os sites de busca dão a um homem branco os méritos do trabalho de um negro, evidencia-se a perpetuação do racismo nos diversos espaços da sociedade e uma estratégia, ainda hoje utilizada, de desmerecer e ocultar a contribuição dos afrodescendentes à história da humanidade.

Após perguntar às crianças pelo(a) responsável por cada invenção, fizemos uma divisão de equipes e utilizamos balões de ar para realizar o sorteio, onde cada grupo escolhia um representante para estourar um balão e descobrir qual invenção havia sorteado para sua equipe estudar. Por fim, no quinto encontro as crianças deram continuidade ao estudo de cada invenção e, com a ajuda de imagens impressas, construíram um livro mostrando imagens dos objetos originais e curiosidades sobre eles.



Figura 1 - Estagiária e professora supervisora com os(as) estudantes em atividade prática do projeto



Figura 2 - Estagiária e Professora supervisora em atividades sobre o mapa do continente africano

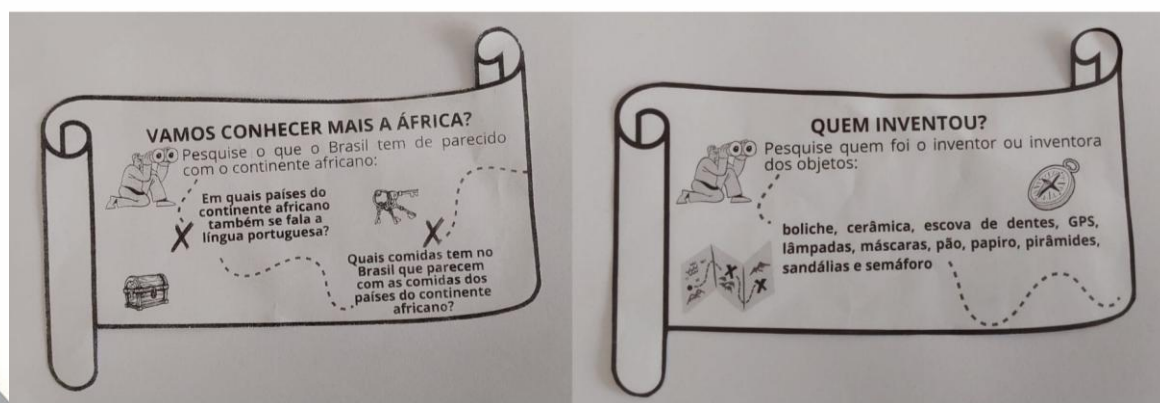


Figura 3 - Atividades de pesquisa para casa

Conclusões

O planejamento e execução de um projeto pedagógico durante a etapa prática do estágio supervisionado contribui para apresentar a prática docente como uma atividade ampla, que exige pesquisa, flexibilidade e atenção aos conhecimentos de mundo trazidos pelos(as) estudantes. O exercício da profissão docente também é orientado por múltiplos conhecimentos construídos ao longo da formação profissional e pessoal, assim como pela troca com os estudantes na mediação dos conteúdos.

Evidencia-se que as respostas dadas pelos(as) estudantes aos conteúdos mediados devem ser levados em consideração pelo(a) docente, apresentando-se inclusive como fatores de avaliação e replanejamento. Portanto, a ação pedagógica é feita de teorias e conteúdos curriculares, mas também de conhecimentos produzidos e avaliados em experiências anteriores de ensino-aprendizagem e, assim, fruto de um ciclo constante entre teoria e prática.

Assim, a prática docente no Estágio Supervisionado não precisa, e não deveria, ser uma mera reprodução de técnicas profissionais, mas a construção da identidade profissional a partir do olhar sobre o ambiente escolar e sua rotina à luz da teoria e, com o exercício da reflexão, aperfeiçoar os conhecimentos sobre o fenômeno educativo.

Por fim, a proposta da professora supervisora do estágio, de orientar um projeto pedagógico como experiência de regência, convida a estudante a retomar conhecimentos amplos sobre as relações raciais e África produzidos em sua formação anterior, convida também a trabalhar tais conteúdos vinculados aos conhecimentos curriculares da formação em Pedagogia. Portanto, tal proposta leva a estudante estagiária a desenvolver, em sua formação, processos investigativos com sua experiência.

Palavras-chave: Estágio curricular; Pesquisa na graduação; Prática docente; Formação de professores; Conhecimentos africanos.

Referências bibliográficas

- CORRÊA, C. C. M. Formação de professores e o estágio supervisionado: tecendo diálogos, mediando a aprendizagem. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 37, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/pjSCdw3yLypv6zYPN9qKhvL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 mar. 2026.
- LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. ESTÁGIO E DOCÊNCIA: DIFERENTES CONCEPÇÕES. **Poiesis Pedagógica**, Catalão, v. 3, n. 3 e 4, p. 5–24, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v3i3e4.10542. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/poiesis/article/view/10542>. Acesso em: 30 mar. 2026.
- MONTEIRO, Silas Borges. Pesquisa-ação e produção de conhecimento na formação docente. In: PIMENTA, Selma Garrido; FRANCO, Maria Amélia Santoro (orgs.). **Pesquisa em educação: possibilidades investigativas, formativas da pesquisa-ação**. Volume 1. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p.139-155.
- MUSSI, Ricardo Fraklin de Freitas; FLORES, Fabio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60–77, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i48.9010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 30 mar. 2026.
- PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **História preta das coisas: 50 Invenções científico-tecnológicas de pessoas negras**. São Paulo: LF Editorial, 2021.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **História pretinha das coisas**: as descobertas de Ori.

Ilustração de Cau Luis. 1. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2022.

SILVA, Ana Célia da. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático. In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p.21-37.

